

ca, o cálculo económico, os direitos individuais – cuja significação e valor universal impuseram-se em todo o planeta, depois da sua aparição nesta região particular do globo. A ocidentalização que ganha, não é nem o ocidentalismo, nem a supremacia do homem branco, nem o *american way of life* erigido como modelo por todas as civilizações: é o processo de modernização-racionalização de todas as nações e das suas maneiras de pensar, de produzir e de agir seja qual for a intensidade das reactivações culturais, é a cosmopolitização da realidade planetária, a difusão mundial dos vectores universalistas constitutivos da idade moderna tal como a desenvolveu o Ocidente.

TEXTO n.º 2

Lipovetsky, G. & Juvén, H. (2010). *O ocidente mundIALIZADO: contradições sobre a cultura planetária*. Lisboa: Edições 70.

## Cultura e Mundialização

Hervé Juvén

«É mais difícil ser de qualquer lugar  
do que ser do seu tempo.»

Pierre Jakez Hélias

Cultura. O meio de relação consigo, com os outros e com o mundo. Meio de se dizer ou de fugir. Meio de ser aqui e agora, ao mesmo tempo origem e projecto, palácio de vidro e estaleiro sem fim. O que faz a verdade, a que se diz e a que não se diz, o que faz com que os mesmos se reconheçam. Entre o que um faz e o que faz o outro. Fonte das sociedades humanas, na sua singularidade, no seu diálogo e na separação que permite a paz.

Cultura. O que a mundialização quer ser, como o seu meio mais essencial. Porque é a partir daí que tudo se apreende e que tudo existe. Porque o verdadeiro, o único território de conquista se situa no que preenche a noite dos sonhos de sonhos e de formas que não dizem o seu nome.

Cultura. Cujas crises poderiam ser o nome. O que transparece, sombra e corrosão sob o culto solar da fraternidade.

nidade, da solidariedade, da humanidade reconciliada, finalmente reconciliada, pela cultura-mundo e na cultura-mundo. O que joga, range e geme nas engrenagens minuciosas da fábrica do contentamento, da produção de opinião, do consentimento e da renúncia.

O assunto é actual. A crise na qual o sistema de mercado nos faz entrar é uma crise da cultura, uma vez que ela é uma crise da relação com o real, do julgamento e da inteligibilidade do mundo. Ela é também uma crise de culturas particulares, daquelas que fazem a vida, que dizem como comer, deitar, amar, transmitir, do plural apreendido pelo singular e pela sua pretensão de ser a cultura de todos. Face a esta crise moral e social, uma só atitude é impossível: negar a importância das transformações que esvaziam de sentido a palavra cultura tal como foi pronunciada e debatida desde há cerca de dois séculos e que fazem da cultura outra coisa, uma outra realidade e uma outra palavra. Sonhamos em apenas conhecer do universal os preços, os contratos e os direitos, o que nos dispensa de todo o respeito pelas instituições milenares, porque elas são milenares, o que evita aprender história para melhor desprezar o que os homens brancos, racistas e violentos produziram, é evidente, os homens são todos os mesmos. Neste sonho prometeico, nada de surpreendente que cada multimilionário de sala de mercado se dê o direito de mudar o mundo, nada de surpreendente que as estrelas se dêem o direito de comprar crianças que graças a elas terão um futuro brilhante, mas não os seus pais nem a sua terra, já não é nada surpreendente que o primeiro humanitário que apareceu assumia a postura

que condene as castas, as hierarquias de nascimento e as crenças que ditam os modos de vida; uma vez que ele é depositário da cultura que acabe com a história e que suprima a geografia, a nossa insuperável democracia dos direitos individuais<sup>(52)</sup>. Acrescentarei: é impossível não ver também a relação entre o desaparecimento do indivíduo e a asfixia da democracia e naquilo que a cultura se tornou – é impossível não introduzir uma dimensão trágica do que está em debate e do que deve tornar-se projecto para a cultura.

Admitamos que as nossas sociedades europeias tenham saído da religião, mais ainda, como escreve Elie Barnavi em *Les religions meurtrières*<sup>(53)</sup>, que elas se tenham tornado cegas ao facto religioso, mesmo insensíveis ao sagrado. O que significa a cultura que sai da religião? O que é uma cultura que ignora o sagrado? O que é o belo que já não fala do céu?

Observemos o desenvolvimento invisível mas omnipresente do político e do Estado como infra-estrutura dos direitos, das liberdades, dos próprios desejos, e a conformidade crescente de vidas que se vestem de *gadgets*, de marcas e de diferenças aprovadas para

<sup>(52)</sup> Ver a este respeito a introdução de Louis Dumont na sua obra sobre as castas na Índia, *Homo hiérarchicus* (Gallimard, «Tel», 1966) na qual ele sublinha que nenhum indiano, não mais que nenhum europeu que tenha vivido na Índia, preconizou a supressão de um sistema milenar que assegura a cada um o seu lugar na ordem social-cósmica – em 1960; que caminho desde então!

<sup>(53)</sup> Seuil, 2007.

melhor se dispensar de se reconhecer e de escolher – para melhor usar o luto de toda a autonomia real e do que faz os homens inteiros. O que é uma cultura que se tornou argumento de uma moral, que apela à censura de tudo o que não segue os caminhos balizados da beleza útil? O que é, finalmente, uma cultura que não sabe patear o bem e o mal, em nome do gênio, em nome da loucura, em nome do riso? A subordinação da cultura ao direito, à regra e à conformidade ao bem útil é a manifestação mais visível da situação em que a cultura é chamada a tornar-se o meio de outra coisa, acima dela ou mesmo sem ela.

Vejamos, finalmente, a que ponto o nosso universo está inchado de positivo, quase a rebentar pela sua pretensão ao bem, ao ponto de acreditar que o Ocidente mundializado pôs fim à história e tocou no horizonte inultrapassável da organização política do planeta. Ao ponto que a velha máxima do clientelismo político, «pão e circo», parece tornar-se o novo eixo moderno da cultura – facilitar as digestões difíceis e confortar o sentimento do bem daquilo que os *Restaurants do Coração* oferecem. O que é uma cultura que fabrica a boa consciência, apelando à censura e se dedica à reprodução universal do sistema dominante? O que é uma cultura que não apela à consciência de si, para além e contra as facilidades e os conformismos e que não fala, ao mesmo tempo, do trágico da vida e da magia sempre recomeçada dos projectos humanos?

## I – A CULTURA-MUNDO É O NOME DE QUÊ?

A cultura-mundo é o outro nome desta economização do mundo que convoca cada planta, cada animal, cada parcela e até os homens e as mulheres que vivem nesta terra à sua utilidade. Ela é o efeito da nossa saída da terra, da origem e da duração. Rodeio, artifício, subterfúgio e o gosto sempre inconfessado de que é necessário forçar a dizer o seu nome. Dizer a sua cultura sem afixar o seu preço. O elogio da mobilidade, o cosmopolitismo erigido em princípio moral, o interesse individual sacralizado pelos direitos do indivíduo, e o jogo está lançado. O sórdido pequeno segredo escondido atrás da cultura de massas, o acesso de todos à cultura e todas as outras vitrinas que nos deslumbram, é que a cultura figura, agora, num bom lugar das coisas que se produzem e das coisas que se vendem porque ela está entre as coisas que se contam.

### 1 – Singular plural

Havia culturas. Ao longe, a curiosidade, a irreduzível distância. A terra, ou seja, a geografia, a origem, o clima, isto é, a história dos homens determinava-lhes tanto como a fantasia, o trabalho ou o gênio. Tinham a face de Janus, por um lado, o que separa os outros dos mesmos, assegura a unidade interna de sociedades dotadas da sua cultura e imuniza-as contra as agressões exteriores, por outro, o que une o que tudo o resto separa, o que designa entre eles a relação mais profunda, a das fundações, dos símbolos e das representações.

Ao mesmo tempo distância e traço de união, ao mesmo tempo particular e comum.

Haveria cultura. Ponto de chegada, termo, fim realizado de um mundo saído da natureza e da história, que se tornou finito, pequeno, humano, solidário, fraternal ou, então, fuga numa incompletude fatal, o de um mundo sempre a construir, a refazer, a recomeçar. Saída da terra, recusando a origem, recusa da história e da geografia, meio do homem sem determinação, do homem plenamente homem porque liberto de todas as contingências e capaz de tudo o que o controlo permite e que o Bem apela. Joahnn Sebastian Bach e o *rap*, os *tags* e Chanel, o confessional e o *ashram*. Não separados, no desvio e na tensão, lado a lado, juntos, iguais, misturados nos novos estados de consciência que a prática de solicitações simultâneas forja. De novo, Janus, por um lado, libertação das antigas dependências, liquidando os limites, as amarras, que dificultam a livre busca da felicidade por cada um, por outro, novo enraizamento no possível sem limites, dando a cada um o gosto extenuante de perseguir todas as oportunidades, convencendo-o de que uma vida de homem é o que não tem limites e intimando mesmo, a cada um, que seja assim – prometendo mobilizar-se sem tréguas.

Seja cultura, isto é, a maneira de ver o mundo, de sentir o mundo, de se sentir no mundo e, portanto, de agir no mundo. Seja, assim, uma cultura mundializada, isto é, uma relação com o real que dá o mundo como unidade, como comum, como uniformidade – o mundo plano perante o olhar, o passo do caminhante, o apetite

do turista. O que se passa? Um desvio multiplicado com o real, que faz com que cada um viva, aqui e agora, em condições climáticas, geográficas, históricas, sociais, políticas, etc., determinadas e particulares. Não são tão numerosos os que têm a sua residência secundária em todos os Hilton da terra e podem, com efeito, crer que a terra é plana – com a condição de não ouvir o canto do almuadem, de ignorar a favela no morro, o muro em volta dos colonatos e de não abrir o jornal local! Qual é a relação com o real em que a cultura do Ocidente mundializado é a chave; e poderá ela ser outra coisa do que uma cultura da ruptura com o real, da abstracção crescente da vida, da conjuração da história e da geografia, uma expressão, enfim, do estado de apercepção social no qual o fascínio pelo virtual provoca uma juventude embriagada pelo advento individual, indiferente com as condições que o permitem? A interrogação está presente, ela é mesmo estridente. Porque cada um a sente efectivamente, qualquer coisa se passa, que não se resume à transgressão de uma cultura existente, nem à mestiçagem da cultura existente com uma ou outras, importadas do exterior. Qualquer coisa, que vem radicalmente de fora, que coloca em jogo outra coisa, talvez para restituir à palavra «comércio», tal como era entendida no século XVIII, a sua amplitude original e que se impõe progressivamente como uma maneira de ser, de agir, de estar em relação para uma parte, pelo menos, da população mundial.

O facto é essencial: não há culturas, múltiplas, diversas, confrontadas com um fenómeno exterior, que seria a mundialização. Há um facto social global, cuja

iniciativa é ocidental, que se chama mundialização, que constitui ela própria uma cultura, ou que o pretende, e que tende a impor a todas as outras, em nome do bem – se não sabe onde está o seu interesse, nós sabemos-lo, tenha confiança em nós. Elas eram dominadas pela estabilidade social e pela repetição do passado, mostravam o limite de toda a vida do homem e a prudência perante as forças que a ultrapassavam, serviam a via do sagrado e dispunham a cada um a obediência ao destino, ao real, ao poder e ainda a muitas outras coisas. Todas as outras, todas as diferenças e, por vezes, contraditórias traçavam todas as vias diferentes de ser homem, desde os Chukchi que ensinavam aos velhos, que se tornavam inúteis, a matar-se, até aos Torajas de Sulawesi que ficam com os seus mortos em casa, no seu quarto, meses após a sua morte física, antes da reunião familiar que os leva ao eterno repouso. A mediatização diz que a cada um tudo é possível, que agir permite tudo e que o mundo está à disposição. E diz que, após despir-se de todas as determinações, as origens e as singularidades, uma vez queimadas todas as aparências ilusórias do particular no fogo universal, o Graal das oportunidades está ao alcance da mão do indivíduo absoluto que cada uma, cada um, pode e deve tornar-se, sem o cavalo branco e sem Parsifal. Elas eram diversas; ela é uma. Obtinham a pacificação dos mesmos pelo mito das fundações e da excepção comuns, procura-a na identidade de interesses individuais e na universalidade do número. Não é um indicativo, uma observação de facto; não eram culturas se não fossem culturas, eram apenas divergências, punham-se tão só em movimento pela dinâmica da diferenciação das sociedades humanas,

condição simultânea do seu diálogo e da sua dinâmica. Acabando por ficar orgulhosa da sua cultura. A sua cultura é a de todo o mundo, o único orgulho é estar no fluxo, de se fundir no comum, de se submeter à norma da indiferenciação cultural – não será o ensino ministrado aos futuros gestores de multinacionais, que fabricam clones indeterminados a quem nada do que é humano seria sensível? Celebrar a sua cultura como cultura francesa, como cultura alemã, como cultura chinesa, não será já discriminar? E distinguir-se não será já renunciar?

O ponto assinala a novidade radical do que se passa e que ultrapassa tudo o que foi observado da cultura de massas; já não se trata da cultura de massas, trata-se da cultura de todos. Dissolvida a massa nos animáculos que a compõem, interdito o povo na consciência de si próprio que o faria sonhar em autonomia e que o tornaria um actor político! Internet e Web 2.0, o portátil; temos os meios para falar com cada um no mais fundo da sua intimidade, já não falaremos a uma massa. A cultura-mundo é a primeira que se quer verdadeiramente universal, porque ela é individual e acompanha o triunfo presumido do indivíduo. Tem por missão realizar a unidade da humanidade e de completá-la ao asfixiar pela sua presença e pela invasão dos seus meios todas as outras culturas e a sua pretensão para distinguir e escolher. Será apenas uma, a sua condição é abraçá-las todas, prendê-las e reduzi-las à unidade.

No seu desenvolvimento, a cultura da mundialização é a primeira que realiza neste ponto a associação

do poder e do dinheiro. E é a primeira que tem uma relação com a economia na medida em que a economia é a condição da sua validade, na medida também que ela concorre a fazer do modelo de crescimento ilimitado uma força suicidária irresistível – já não se defende a cultura-mundo como não se defende contra a promessa de bem-estar! Nenhum segredo, mas a forte conjunção da universalidade da técnica – a gravitação não é nem britânica, nem chinesa, ela é – e do dinheiro – o equivalente universal de todas as coisas – ao serviço da utopia planetária. Bens culturais, serviços culturais, património cultural... a cultura de massas desobstruiu a venda da cultura aos que têm apenas o dinheiro por mérito e por meio. A igualdade perante a cultura conduz ao mercado da cultura. É o crescimento que faz a cultura-mundo, primeiro pela saída da pobreza que autorizou no decurso do mais forte período contínuo de crescimento mundial da história recente – e talvez de toda a história. É porque as coisas funcionam, porque há crescimento, comércio, negócios em desenvolvimento, que constitui um regime de verdade. Verdade no interior de uma cultura, engano fora dela. E, portanto, verdade no interior da mundialização, engano para além dela. Mas também, verdade no e pelo crescimento, engano sem ela. A condição deste poder é o crescimento. Enquanto funciona, o poder sobre si, sobre os outros, é enorme; poder de veridicção, poder de operabilidade. O que faz com que uma coisa seja verdadeira; o que faz com que a acção tenha lugar. A nossa cultura é a do crescimento ilimitado e está assente na nossa todo-poderosa técnica, autor de uma ruptura sem precedentes com a natureza, uma vez que ela nos coloca numa situação de produzir

a natureza. Ensina a nunca mais perguntar porquê. A cultura era o meio de voltar atrás, de julgar e de saber dizer não. A cultura-mundo dissolve as questões na acção, interdita o recuo e o julgamento e resolve-se numa imensa aquiescência ao crescimento, ao mercado e às suas obras.

A cultura-mundo mantém, sem dúvida, relações permanentes, intensas, com as culturas particulares que subsistem no seio das sociedades humanas. São expostas umas às outras, são-no sem parar, são-no cada vez mais. Não ocasionalmente, no fim de dias extenuantes das areias do deserto, das estradas vermelhas de África, do escoamento da grande floresta equatorial. Não no temor e no tremor do desconhecido, na revelação do diferente, no indizível que fez de todas as narrativas de viagens até ao século XVIII, pelo menos, a narrativa do imaginário, entre o admirável e o horrível, mas no negócio, na conversão, no comércio. A relação com o outro, com o estrangeiro, com o distante mudou, mas é definitivamente a relação com o real de cada um de nós que se encontra mais transformada. Primeiro porque a imagem pretendeu colar ao real, transmitir-lhe no seu movimento, a sua cor, a sua vibração; a seguir, porque a imagem, a mesma, transfigura o real e faz a ponte com o imaginário, com a emoção e com as expectativas de emoção. De modo que tornar-se autor do real já não tem lugar na história, na política, nas ruas das cidades ou nos tumultos das trincheiras, mas diante das consolas, atrás das câmaras, em frente dos ecrãs – e fechem a janela, por favor, para que a luz do dia não nos incomode!

O recuo ou o regresso são tanto mais proibidos quanto a exposição à cultura-mundo é de todo o tempo e de todos os lugares. De maneira quase permanente, para todos e para tudo, a favor da torrente de representações que não poupa quase ninguém, desde que a Televisão por satélite está por todo o lado, desde que um em cada dois homens tem um telemóvel. Não na distância, de um lado e do outro de fronteiras definidas, mas na confusão, o que alimenta todas as ilusões da mestiçagem, o que permite a bricolage das identidades culturais, como o das cozinhas étnicas ou das religiões compartimentadas – uma gaveta para o budismo, uma gaveta para o Natal, uma gaveta para o Halloween. Não na construção paciente de si, mas na aventura das seduções do momento, mesmo na saturação sensorial. A violência é considerável; 300 milhões de chineses navegam, 25 milhões de chineses estão viciados na Internet, atravessaram em vinte anos um século e meio de história cultural da Europa. Da taça de arroz ao 4x4 e ao telemóvel, será necessário medir um dia o que está em jogo e que não é económico. Esta exposição é destruidora. Naturalmente, faz ocorrer outra coisa. Mas o quê? A única resposta honesta é que nós não sabemos nada. Enquanto a cultura-mundo é um momento técnico que apenas vai modificar nas margens as culturas e as civilizações humanas, a maré da história tal como a crise vai arrasá-la, varrendo rapidamente as banalidades gerais no planeta unificado como varre já as idiotices sobre o fim das nações. Assim, a cultura-mundo é aquilo que faz manter e transformar todas elas, porque ela muda a condição humana do século XXI, porque ela é simultaneamente a expressão das técnicas

do quotidiano e o seu posicionamento nas vidas, e é necessário dizer que ainda é muito cedo, que a bruma pesa, que o sol ainda não nasceu, e que nós não vemos nada, nada ainda do qual seria bom falar, nada ainda que permita dizer ao que se assemelhará verdadeiramente um mundo determinado por uma cultura unificada, e os homens que viverão este mundo nesta cultura – homens que terão perdido as referências do colectivo singular e da sua particularidade distintiva.

## 2 – A fábrica do mesmo

*«Somos homens parecidos  
mais ou menos nus sob o sol.»*

Francis Cabrel

Vale a pena colocar a questão; de que falamos? Aqui e agora, a resposta é singular; falamos do que termina, e tiremos desta conclusão a iluminação que nos falta para o futuro. O tempo da equidade fácil da cultura-mundo e do Ocidente, na sua variante americana musculada, demonstrativa e ruidosa, como na sua versão europeia ao pretender a fraternidade e a compreensão universais, acabou; o que se passa na cultura-mundo, o que passa da cultura-mundo nas nossas sociedades escapa já, escapará cada vez mais, aos seus emissores. Apesar do Google, da Wikipédia e do YouTube ou do Facebook, apesar da iniciativa americana ainda esmagadora na Net, nós já não somos os autores do mundo. A narrativa continua fora de nós, em Wuhan, São Paulo,



Teerão, Omsk, e arriscamos mesmo ser embarcados em rios que não conhecemos. As ferramentas que, massivamente, são nossas, irão servir fins dos quais nós não sabemos nada; eis onde pára o Ocidente mundializado. Os Estados Unidos e o Google fazem a experiência no seu diálogo com a China; apesar do *smart power*, a mundialização já não é americana e o mundo desordena a América. O luxo e o gosto já não são do Ocidente. As mesmas técnicas que asseguraram a empresa do Ocidente na mundialização dos mercados, ratificaram a lei do número, a equidade de todas as formas de estética, asseguram a recompensa de iniciativa cultural ou, pelo menos, a participação de todos os seus consumidores-espectadores-criadores associados.

A crise tornou a constatação evidente. Saímos da mundialização feliz, feliz para nós, que caracterizou a encenação de um grande espectáculo que se desenrolou desde o início dos anos 70 até à queda do muro de Berlim, para se expandir na ingenuidade das suas promessas nos anos 90. E a cultura-mundo está em questão. François Jullien lembra-o em *De l'universel, du commun, de l'uniform et du dialogue entre cultures*<sup>(54)</sup>: a cultura-mundo é a da confusão, não as culturas, mas os termos da sua troca. Falamos do universal, temos a palavra fácil na boca, enquanto apenas falamos mais ou menos de uniformidade, ou seja, da redução das culturas à economia. E nós dizemos cultura, mas apenas temos os utensílios da cultura. Da busca atenta, exigente, a

<sup>(54)</sup> Fayard, 2009.

esta facilidade industrial, a inclinação é fácil, que nos provoca sem que pensemos. Porque a ilusão do diálogo permanente de culturas, da sua mestiçagem, é agradável. Suporia o respeito, a segurança e a estima por si, relações de interesse partilhado, de reciprocidade e de distância. Estamos longe. O que nós observamos, depois de tantos anos, é um movimento incessante de uniformização, de laminagem das culturas e das civilizações pelo projecto liberal, economista e individualista – o projecto do totalitarismo suave do enriquecimento e da separação do indivíduo do todo colectivo, condição do crescimento económico que se alimenta tão bem do infortúnio individual... É, sob o exterior brilhante do apelo universal, a laminagem sistemática de toda a resistência à desconexão dos indivíduos com o colectivo, que faz deles, sob a égide dos direitos do homem, clones adequados, mobilizáveis, permutáveis, convencidos que o mundo lhes pertence e que se divertem bem. É também a pregação das sociedades sobre elas próprias, os seus subentendidos, os seus códigos, os seus costumes, a sua singularidade. Nunca por oposição frontal, nunca por vontade, pelo contrário, mas por dissolução, subversão e, na realidade, por indiferença radical ao que fazia a dignidade de cada um sob a cobertura do relativismo. O tratamento por tu fácil, de princípio, é a marca da recusa desta distância que se chama respeito, que proíbe de se misturar com o que não se olha, e que se chama não ingerência, abstenção e reserva. A cultura-mundo mistura-se com tudo, por princípio, com todos e não respeita nada; descultura, neste sentido, destruição destas distâncias, destes diferenças, destas discriminações e do seu sentido, que são a alma das culturas dos homens.

Para dizê-lo em algumas palavras, a história recente vê as culturas, elemento principal da constituição das sociedades dos homens, da reprodução do seu núcleo político-religioso e da sua pacificação interna, no seu conjunto, conformarem-se com o triplo dogma do mercado, dos direitos do homem e do interesse individual. Nada de comum com o empréstimo, com a inspiração, com a selecção de elementos vindos de outras culturas que partilham tão bem, por exemplo, a pintura francesa do século XVIII e a arte japonesa; a normalização e a conformidade impostas do exterior. A cultura era o meio de provar a distância com as outras, ao considerar todos os recursos do seu espírito, do seu corpo e dos seus utensílios, a sua alteridade; a este respeito, formadora da identidade colectiva, a este respeito também eminentemente político, negócio de poder, questão de fé, questão de escolha. Iniciações, tatuagens, danças, rituais, ornamentos e modas são, aqui, o mesmo que arte, ou o que nós chamamos arte. «Mais bonito para mim», escolheu, como frase publicitária, uma marca de *lingerie* que celebrava o auto-erotismo como nova cultura de si. Permanecerá após a Internet, os brinquedos sexuais e os Restaurantes do Coração, qualquer coisa que só a arte poderá dar? A cultura tornou-se o que manifesta o semelhante ou, então, o uniforme, o que deve tornar sensível a cada um ser apenas um entre os outros e como os outros; a Madame de Sévigné não concebia, como o recorda Pierre Manent<sup>(55)</sup>, perante o suplício dos camponeses bretões insurgidos, o que podia

(55) Em *Cours familier de philosophie*, Gallimard, «Tel», 2004.

ser o sofrimento de um camponês; a cultura obriga-nos, agora, ser, ao longo das horas e das actualidades, Albert, Mohamed, Ehud ou Tian-Tian, não importa qual, não importa qual deles, dos que sofrem, que morrem, que são vítimas (será inútil acrescentar que, em parte nenhuma, seja o que for que sugira, é possível também compreender, partilhar, identificar-se com o carrasco, com o guarda prisional, com o inquisidor; o modelo está esgotado, já não se reproduz, remetemo-lo definitivamente para a classe dos acessórios de feira). Parece que é um progresso.

A história mudou, portanto, a cultura. Ou, então, tem mudado de cultura. Porque a questão não é unicamente de grau, ou de nuance, mas de signo. A cultura sublinhava essencialmente as coisas que se davam e transmitiam, porque são coisas que se distinguem, e relegava para o lixo o que se vende, o que se conta e o que se comercializa, as coisas comuns que trazem em si todas as facilidades do uniforme. Ela tornou-se uma indústria e, também, uma das indústrias nas quais as sociedades descontentes com a indústria e fatigadas de servir inventam um futuro. Johann Sebastian Bach negociava, e duramente, as condições da sua remuneração junto do príncipe eleitor de Leipzig, mas os seus auditores ouviam-no gratuitamente no escritório. Os fundadores das Caixas de aforro francesas, os grandes burgueses liberais do início do século XIX, desejavam que os nossos artistas divulgassem junto das classes populares as representações da poupança, das suas virtudes, ao ilustrar os benefícios para a vida das famílias; nós esforçamo-nos para aplicar a sua vontade.

Adam Smith já o tinha visto à sua maneira: a economia tem fortes razões para se interessar pela cultura e de a recrutar ao seu serviço. Aqui estamos nós. A sociedade de mercado assumiu a cultura como fonte de fé e de sonho dos homens, tornou-a num dos factores mais eminentes e, mais ainda, eficazes, da mundialização tal como se envolveu nos escombros após a Segunda Guerra Mundial, tal como ganhou uma extensão imprevista após a queda do muro de Berlim e da dissolução do império soviético. Chamou cultura ao que se tornou uniforme, ao que dissolveu os estilos, as formas, as cores e os sons pelos quais os homens ingênuos pretendiam exprimir a sua singularidade, pelas quais afirmavam não serem homens idênticos – o que eles chamavam a sua dignidade.

*Sempre os mesmos, sempre os mesmos...*

Meio de distância ontem, meio de indiferenciação hoje. Presença cambiante, múltipla, indefinida, do mundo como história e como geografia, ontem, como fascínio e respeito pela distância, pelo diferente, pela afirmação obsessiva do seu desaparecimento agora, pela desolante unanimidade do bem, do desenvolvimento, dos direitos e da confusão generalizada dos homens, das formas e das relações, hoje. O luxo estava em relação com um território, com um saber, com uma herança, com um produto; os rebuçados de mentol de Cambrai, as sedas de Lyon ou os lenços de Cholet... e a corte do czar fornecia-se com luvas de Millau, até mandar vir de Aveyron um dos rapazes Canat para ajustá-las às

medidas precisas das damas da corte na própria Sampetersburgo, em 1909! Cada um sabia o que devia aos que lhe tinham precedido, cada um sabe, agora, que o mundo é seu e que tudo lhes é permitido. O luxo tem agora numa marca máquinas que depositam milhares de unidades de produtos sem território e sem origem – *Made on Earth by humans*, mas devidamente carimbados pela LVMH, Pierre Cardin ou Gucci e para mais segurança afixam em grandes letras a sua proveniência – até ao dia em que o luxo se exprimirá mais simplesmente pelo preço do saco à mão, do relógio ou dos óculos inscrito em caracteres indeléveis e fluorescentes no próprio objecto – uma vez que o único verdadeiro luxo contemporâneo é o dinheiro, ou a capacidade de pagar do cliente, e que a dissolução de todas as formas e de todas as relações com o dinheiro é o fim lógico e banal do caminho comprometido.

A cultura era a cultura das origens, era herança e vinculava ao tempo os mesmos e os que ela definia como tais; ela é chamada a tornar-se individual, ou seja, a escolher-se, a adquirir-se e a vender-se, como qualquer outro produto. Ela era a acumulação de experiências de gerações passadas transmitida a cada indivíduo, que permitia reduzir a incerteza do futuro, de se comprometer com o bom coração e acreditar de boa fé que o futuro seria melhor. Máquina de transmitir a unidade entre as gerações que o tempo separa; máquina de criar unidade entre os contemporâneos, que as crenças, as origens, os interesses separam. Já não é questão de ser facto da sua cultura, de ver a sua existência produzida por ela; a busca da indeterminação, na qual se resume o

projecto liberal, deve também libertar o indivíduo disto. Também já não é uma questão de que a cultura domine o indivíduo, esmague a autoridade do passado, dos exemplos dos mestres e do génio dos autores; a minha cultura é o que me agrada e o que me serve. A cultura preexistia às existências individuais, ela é chamada a torná-las confortáveis. E a diversidade cultural é o nome que a cultura-mundo dá à segmentação dos alvos e à fragmentação das audiências, para melhor assegurar o triunfo sem réplica da velha fraude da unidade do género humano que consiste em trazer o homem à sua natureza, negando a sua história.

Nem recuo nem julgamento; vivemos a desapareição do imaginário pela saturação das imagens. Os que entram numa sala de cinema marcam pela sua própria postura a violência do que vem; o choque da imagem, do som, toma-os como uma vaga. É impossível recuar, impossível guardar a sua distância e o seu quanto-a-si, o cinema é uma técnica de possessão e nas salas que ficam escuras e raiadas de luz, há milhões que se entregam, que se abandonam, que não sabem nada e compreendem menos o que vivem – ou o que vive neles. O mundo da cultura, como o da arte, já não é o que une pelos valores que exprime e por um irreal que faz partilhar, abisma-se na experiência vazia e na reprodutibilidade sem fim. É proibido ser sobrenatural; é proibido que isto se exceda. É aqui que tudo se passa, repete a cultura com determinação. E é nesta vida que é necessário viver várias vezes, nesta vida que é necessário lançar os seus avatares, nesta vida que é necessário tornar-se Deus para se sentir verdadeiramente um ser.

### 3 – O fim liberal

Na origem de tudo, o projecto liberal, o projecto da liberdade do estabelecimento humano, expresso pela indeterminação que deve fazer o homem sair da natureza, da origem e do acaso. Na obra sob o signo da individualização e do crescimento sem limites, promete entrar num mundo melhor. Mobiliza a representação imaginária da unidade do género humano para obter o consenso sobre o fim das nações, que deram o seu quadro ao exercício da democracia, mas que se vêem acusadas de todos os males. O vocabulário do pensamento único europeu é significativo; as nações apenas existem como inflexibilidades, como travões ao rumo dos negócios.

O curso do projecto liberal não está terminado. Ele amplifica-se mesmo, com a histeria provocada pela crise e com o advento sem precedentes de bancos e de mercados financeiros que ditam a sua lei aos Estados; a sua ruína seria a sua. O elemento novo é a desapareição da autonomia das sociedades humanas provocada pelo advento do homem armado dos seus direitos, soberano e exigente. Alguns dos seus aspectos desvelam-se com estrépito: um banco de investimento nova-iorquino dá o direito aos seus assalariados à indeterminação sexual ao proporcionar o reembolso das operações que lhes permitam mudar de sexo; recusamos o *handicap* através do diagnóstico pré-natal que promete a termo apenas deixar nascer crianças sem riscos maiores; vemos crescer um mercado internacional de adopção de crianças, que consagra o direito dos ricos a comprar crianças aos po-

bres. Que imagens inúteis do Bem radioso e sem escrúpulos que foram dadas por Madonna ao adoptar uma criança africana, apesar da existência dos seus pais, em nome de uma vida melhor que ele terá certamente – uma vez que será americano! A cultura-mundo amplia o mercado dos homens, desde que Robert Badinter proclamou «o direito individual à criança»<sup>(56)</sup>; como dizer mais claramente que não há nada que o dinheiro não possa comprar, em primeiro lugar as crianças, em primeiro lugar os homens? Como confessar mais fortemente que o advento do indivíduo é, ao mesmo tempo, a aniquilação de toda a distância, de toda a autonomia individual? E será necessário acrescentar que a cultura se tornou a encenação do crescimento sob o nome de progresso, e da mercadoria sob o nome do luxo? O sagrado contemporâneo reside nesta aliança do crescimento económico e do direito que assegura as condições; quem ousaria colocar em causa a religião do desenvolvimento?

### *Encenação*

A cultura-mundo encena o projecto liberal, liberto do constrangimento democrático e das formas sociais herdadas das culturas anteriores; sob três aspectos determinantes.

1 – Perante nós, a unidade. Falamos tanto mais de diferenças, de rupturas, de excluídos, quanto mais ve-

<sup>(56)</sup> *Le Débat*, 1998.

mos avançar o espectro da unidade. Quem é que ainda acredita que viajar o expõe à diferença? As viagens multiplicam-se entre lugares sempre idênticos, dramaticamente cada vez mais idênticos. Agitamo-nos freneticamente para ir a qualquer parte que nunca seja outro lugar; já não há outro lugar. Nós somos os primeiros a viver um universo sem exterior; os selvagens, desde Lévi-Strauss, as terras virgens, desde Google Earth, os outros, desde Fidel Castro, desapareceram – em que outro país que não seja Cuba é que os painéis publicitários exibem frases do Líder Máximo, não apelos às compras? Nós somos a primeira sociedade que se quer mundial e que já não aceita o exterior; com que arrogância, com que meios e, sobretudo, com que ausência total de dúvida, a religião do desenvolvimento se entrega a liquidar as civilizações, as crenças, as organizações políticas e sociais construídas durante milénios, arruinando à sua passagem um património essencial da humanidade! A cultura já não é o meio de relação com o outro, como esta cultura astronómica de Matteo Ricci que lhe permite, a ele jesuíta, de figurar como mandarim na corte do Celeste Imperador, nos anos 1500; a cultura-mundo é o meio de ser os mesmos e de reduzir os outros. A doutrina americana de segurança di-lo claramente ao já não aceitar a ideia de adversários legítimos. Contra nós, não saberia ter guerras justas. O mundo é organizado em função do objectivo único do crescimento e do desenvolvimento, que quer excluir todas as formas de confronto que não seja a dos mercados através da concorrência e dos preços. Já não há guerreiros legitimamente adversários, no respeito e na dignidade mútuas, apenas há forças de paz, do contrato e do mercado às

quais se opõem os combatentes do mal ou da fé – do irreal. Neste sentido, a cultura-mundo é uma poética; ela faz existir um universo em que as relações com o mundo real são encantadas, na melhor das hipóteses, ou armadilhadas, na pior; a cultura do mundo de Walt Disney em que as relações não têm sexo, em que os homens não têm cor, em que o sonho de um mundo factício se propaga com um despudor tranquilo, é a de um totalitarismo do bem-estar. Passem, não há nada para ver, diz a cultura-mundo.

2 – Excesso de estruturas colectivas em nome dos direitos do homem, que se tornaram na Europa, pelo menos, os direitos do indivíduo absoluto. Capacidade ilimitada para se descomprometer, para se desligar, para se desfazer da relação com os outros, com a natureza, com a sua cultura e consigo mesmo. A educação, o ensino, a formação são teatros deste drama; a desculturação caminha lado a lado com a socialização, esta aposta na conformidade das crianças e dos jovens que exclui o controlo da língua – com que direito se pode pedir que as crianças da diversidade falem francês? – mas a sua assegura empregos aos jovens antes do RSA. Não pode haver educação sem discriminação e sem selecção e só uma sociedade que sabe o que se deve e conhece o seu encerramento pode legitimar as suas instâncias de educação, sem ser perfurada pela frase «para que é que isto serve?». Porque isto serve, em primeiro lugar, para se tornar francês, europeu, civilizado, na diferença, na exigência, mesmo na confrontação com os que serão de um outro mundo – de uma outra cultura, que não têm nada a fazer deste mundo, destas instâncias que

não têm, simplesmente, nada a fazer aqui. A cultura de si contém o indivíduo, já não se desenvolve numa comunidade, numa sociedade singular, e singular pela sua cultura – contém-se no vazio. Entre indivíduos soberanos, atomizados, não há nada que possa ser sociedade. Nada de surpreendente em relação a isto. A sociedade política liberal tenta aspirar cada pessoa para a abstracção do sujeito do direito, despe de tudo o que faz dela um ser de carne e osso, com um passado, com origens, com relações, com uma terra e uma história, para torná-la fluído, líquido, móvel, indefinidamente. Neste sentido, a cultura-mundo é bem uma negação da condição humana. Neste sentido, os direitos do homem são bem a condição da abolição da política e do fim da história – ou do seu desencadeamento futuro.

3 – Duro exercício do real. Música, pintura, cinema, literatura, filosofia, teologia vivem ou sobrevivem como passatempos e estão sujeitos a tornarem-se indústria do divertimento se se quiserem expandir. Eles também, como qualquer animal, qualquer planta, tudo sobre a face da terra, são mobilizados – reduzidos à sua utilidade. O termo «indústria da cultura» vende o pavio: neste reino de verdade, a cultura mede-se, apropria-se, entra nesta categoria de bens que se troçam e que se vendem. A individualização não está aqui por nada; por um lado, a desligação coloca no mercado o que dependia da relação local, familiar ou social, e era gratuito. Deve-se ao seu poder de compra a cultura que se deve ao seu meio ou à sua origem. A cultura tende, portanto, a realizar-se nos objectos, nos momentos, nos actos identificáveis; há objectos que são ditos culturais, actividades que

são nomeadas como culturais e uma indústria dita da cultura. Acessórios decorativos da vida que passa. Não são as coisas pelas quais se luta ou se morre. Há, de facto, marginalização da cultura, mais nada de essencial se passa aqui, nem se pode passar, o que se passa passa-se na economia. E sem dúvida as condições de nascimento de uma obra de arte desapareceram com a conformidade e com o consenso humanitário.

O número substitui o saber, o número mata o gosto e a aristocracia do julgamento. O exemplo é dado em *Google-moi* de Barbara Cassin<sup>(57)</sup>: a lógica invocada sob os gloriosos auspícios de «cultura e democracia» é uma lógica puramente quantitativa em que o número de cliques dita a qualidade, tanto da amizade como das obras. É a lei da Internet, os motores de busca como enciclopédias; o número dita a verdade, a quantidade assegura o belo, o bom e o verdadeiro. Não estamos longe do realismo socialista soviético: as massas nunca estão erradas, o artista só faz o que é belo e bom quando educa as massas. Chegaremos brevemente ao ponto em que, nos museus, se afixará o preço estimado do quadro para se situar o valor. De resto, nas grandes fundações americanas, publica-se o valor de compra do quadro. Homenagem aos doadores! A arte vale o seu preço. É um primeiro passo, que será seguido. Nas universidades americanas, os grandes e antigos exemplares são-no segundo a sua contribuição financeira. Aquele que paga tem sempre razão. Chegaremos brevemente ao

<sup>(57)</sup> Albin Michel, 2007.

ponto em que, nas universidades, se dirá quanto ganha um professor para saber se vale a pena ouvi-lo ou se se pode satisfazer ao ler a fotocópia. À força de saber bem fazer, mas não fazer bem, é necessário o quantitativo para apreciar o qualitativo. À organista que toca *A Arte da Fuga*, pergunta-se: «quantos tubos?», como Estaline perguntou ao papa: «quantas divisões?».

A cultura-mundo inventa a narrativa da humanidade pacífica, da unidade do género humano, da artificialidade de tudo o que separa os homens. Repete obstinadamente que todo o mundo é belo, que todo o mundo é gentil, e que as democracias não fazem a guerra! Nisto, é uma anti-cultura, inscreve-se no oposto de tudo o que constituiu historicamente as culturas e que era a afirmação de si pela diferença e pela oposição. E ela produz a mestiçagem de culturas, não a adição do melhor, mas a subtracção. Se a cultura-mundo é a cultura da indiferenciação pelo dinheiro e só por ele, ela é a empresa mais acabada e a mais perigosa que tiveram de afrontar as culturas dos homens, particulares, circunstanciados, originais e, pela mesma razão, capazes de passar além da condição humana, ao fazer valer que há outra coisa que conta mais do que a vida, que existe o que está para além das existências individuais e da sua miséria ordinária. Deste modo, a cultura-mundo é uma cultura, talvez, mas não uma civilização. E este abandono é o que revela a crise actual, crise da desapropriação do seu destino, crise da dependência consentida das sociedades humanas, crise do advento do indivíduo como dispensa de toda a afirmação e de toda a capacidade colectiva de agir. Crise, também, do bem e desta formidável

apreensão da arte, e atrás dela a cultura, pelo Bem. O utilitarismo de todo o político cultural reduz-se, mais cedo ou mais tarde, à censura do que não está bem. E conduz ao crime contra o espírito: ignorar que a sombra e a luz fazem conjuntamente as formas e as cores das coisas, que o bem e o mal são as duas faces de uma mesma improbabilidade: a vida. Quem esconde os seus monstros vive-os.

## II – AS SURPRESAS DO CONVENCIONADO

*«O Ocidente está cego perante as consequências da mundialização da economia e dos costumes.»*

Marcel Gauchet,  
*Le Monde*, 2007

Aparentemente nada de mais simples do que o funcionamento de uma cultura dissolvida na economia, nas condições da sua produção, da sua difusão e da sua censura. Nada tão simples como o projecto cultural moderno, que se resumiria à absorção-subversão de todas as culturas existentes em benefício de uma forma e de um conteúdo universais. Nada de mais dado ao comentário, nada mais que solicite a apologia, do que esta reconciliação do belo e do útil, da emoção e da verdade. Não será o sonho enterrado desde Erasmo e Kant que o belo, o verdadeiro e o bem se atribuem e não será a promessa aberta do mundo único?

Nada de mais manifesto, nada de mais falso, sem dúvida. Porque o desenho se esfuma à prova do facto, o acontecimento ultrapassa a sua lenda, o sol do bem propicia ao abandono ficar cheio de monstros frios e a emergência de outra coisa que não tem nome e menos ainda o consentimento se propaga e se difunde.

A cultura-mundo existe, já não é, mais ou menos os homens nesta terra que não a encontraram, seria apenas sob a forma dos DVD de karaté, vindos de Hong-Kong, que no mais profundo da ilha dos Famosos, as crianças da aldeia de Kajang vinham ver no barracão do chefe, o único a vinte quilómetros com electricidade – crianças em procissão, iluminando o seu caminho numa noite sem lua, levando nas suas mãos um punhado de vagalumes, de modo que eu tinha a meus pés toda uma montanha para percorrer... Todos a encontram, porque ela se interessa por eles, porque quere-os, mas não há duas pessoas a senti-la da mesma maneira, a sentir as mesmas incitações. Na sua quinta de Wyoming, alguns milhares de acres batidos pelo vento, tórrida no Verão, gelada no Inverno, e a vinte e seis milhas do seu vizinho mais próximo, o agricultor Ted – chamemos-lhe Ted – não regressava antes de chamar os seus cães, Kit e Sage, sempre atrás do coioete esquivo ou da lebre parda, e apagava a televisão com um gesto irritado – tudo isto, são porcarias que vêm de fora, não temos necessidades delas aqui... De fora, era, imagino eu, Hollywood, Nova Iorque ou, pior ainda, São Francisco; ele também sabia o que queria dizer cultura-mundo... De África aos países do Golfo, há centenas de milhões de pessoas persuadidas que a cultura-mundo é a expressão do



complô judeu contra o islão, cujo ponto mais alto foi a simulação do 11 de Setembro; da mesma maneira que os judeus ortodoxos denunciam os ídolos modernos e Satã como obra desses utensílios que não conhecem nem o tempo, nem hora, nem estação do ano, nem o sabbat, e afastam o homem de pensar em Deus. Com a ruptura do jejum, em Casablanca, em Dezembro de 2008, estive ao lado de raparigas em *jeans*, de olhar directo sob o véu, bebericando uma Coca-Cola, e em Karachi, no Paquistão, que concede uma parte do seu território à lei dos talibãs, e que avança para a instauração da lei corânica em todo a região, os guardas da zona franca, onde fui retido durante dois dias, passavam as noites a ver *sites* pornográficos da Internet... A cultura X como acesso à cultura-mundo, porque não?

A cultura-mundo é o lugar do paradoxo e da falsa aparência, para não dizer o da confusão e da ilusão. Foi o lugar estratégico da guerra-fria, depois, da hiperpotência americana, agora já não é. Foi o lugar da unidade sonhada do mundo e de um mundo menos submetido do que possuído pelo Ocidente, agora já não é. Há as ONG, a solidariedade que enchem as bocas e que estouram com as sociedades que laminam as classes médias e que faz do isolamento a patologia moderna urbana. Há a consciência do mundo, a emoção planetária, simultânea e convulsiva, que faz vibrar em unísono perante o espectáculo do intolerável, e há a cultura dos corpos, do bem-estar, o culto da forma, da performance física e da beleza programada dos campeões de si cujos únicos espectadores são eles próprios do outro lado do espelho. E há a cultura da estima por

si, do contentamento por si, a cultura dos *psis* e das muletas das almas penadas.

O luxo da enumeração exprime, na vacilação do espírito e na dificuldade de síntese, as surpresas que estão por vir. Porque a sideração exercida pela cultura-mundo provém em primeira lugar, e quase unicamente, da novidade radical dos utensílios que trazem e da fonte, à partida, única dos conteúdos que veiculam. Acabou. Passado, ultrapassado. As mesmas ferramentas que difundem as representações ocidentais, os valores do Ocidente, os modelos do mundo ocidental, esgotaram a sua magia, e estão, agora, à disposição de todos – de todos aqueles que têm, em primeiro lugar, a resolução, a audiência a seguir, de se servir. E não faltam. Os mesmos utensílios que celebraram a unidade por defeito – não há ninguém para os contradizer ou, simplesmente, para lhes fazer concorrência! – servem, agora, uma dispersão infinita de pontos de vista, uma fragmentação espectacular dos discursos e, no fim, a dissociação das consciências. E a maior surpresa poderia estar para vir, a da apropriação das formas vazias da cultura-mundo pelos conteúdos plenos e duros das culturas, aqueles que terão sobrevivido ao primeiro efeito da surpresa, os que resistem à indiferenciação, os que encontraram na agressão como os que terão ultrapassado todos os recursos de uma maior segurança delas próprias.

## 1 – O culto do vazio

«A experiência vivida torna-se determinante.  
Assim, o teatro e a orquestra determinam a arte.  
Talvez a experiência vivida seja o elemento  
no seio do qual a arte está a morrer.»

Martin Heidegger

A cultura-mundo apresenta meios surpreendentes – meios que subvertem a experiência física do mundo sensível. Tempo real. Memória ilimitada. Ligações ao segundo. Satélites em órbita. E os milhões e milhões de investimento, em dólares ou em euros. Ela confunde-se com eles. O consumo de produtos culturais esgota a prática – porquê uma hora de piano, quando o CD de Samson François está ao alcance do telecomando? E por que razão devotar-se ao canto, como o fazem com consciência as famílias alsacianas todos os domingos, quando a Callas está gravada para a eternidade num contralto irreal? A reprodução ilimitada, a disponibilidade permanente e o excepcional ao alcance de um clique, mudam as condições da arte e tudo o que diga respeito à criação. Os seus meios devoram a cultura. A sua disponibilidade permanente condena o acesso. A cultura à distância de um clique não é a cultura de nada nem de ninguém.

A acreditar na amplitude inédita dos meios, há pouco inconcebível, a questão do fim da cultura é colocada. Temos os meios da biblioteca universal, que, além disso, se alimenta sozinha – já não é necessário mergulhar

no pesadelo de Jorge Luis Borges e imaginar esta biblioteca que toda a sociedade se ocupa a classificar, a arrumar, a consultar: o Google fá-lo muito bem para nós. Realizámos a memória universal, que vai permitir ao dever da memória desdobrar-se sem fim e fabricar a indiferença universal. A ficção do «Museu Imaginário» é ultrapassada a cada instante pela consulta de obras na Internet ou, então, pelo decorrer dos filmes digitais que fazem o inventário dos museus. A cultura do mundo está ao alcance de três cliques – será que se tornou, deste modo, nossa? E temos também os meios da sociedade universal, os da extensão do pequeno comércio ao conjunto dos homens que encontram próteses baratas, disponíveis em todo o lado e universalmente conectadas para encontrar, trocar, debater, para se compreender. Em Novembro de 2008, os estudantes que me esperavam na Universidade de Wuhan tinham observações a fazer sobre o que eu escrevera a propósito do crescimento da China, dois anos antes... Até aqui, um inglês, um francês podiam dizer mais ou menos o que pensavam dos indianos, dos chineses, etc.; acreditavam uns nos outros. Agora, é impossível. Impossível, porque os primeiros a ler seja o que for, vindos de onde quer que seja, sobre a China ou sobre a Índia, são seguramente os chineses e os indianos, que reagem e que intervêm a partir do momento em que se sentem injustamente tratados, desprezados ou apenas mal compreendidos. Testemunha este fim do entre-si, um artigo do *Herald Tribune* de 12 de Março de 2009. As condições do pensamento mudaram. Todos, a partir do momento em que se exprimam, que postem, que publiquem, ficam sob o olhar de todos. O «começo» encontra-se aí, perante

nós, ainda não saímos de todas estas determinações banais da distância, do tempo, da massa e do número. É mais difícil especificar o «quê» – os conteúdos da cultura-mundo. É fácil enumerar as manifestações espectaculares, que merecem um instante de admiração, antes de fatigar um pouco. Bach consagrou *O Cravo Bem Temperado* a explorar as possibilidades de um acorde mais preciso das cordas do cravo, mas *O Cravo Bem Temperado* não é um caderno de prescrições técnicas. Leos Janáček compôs uma obra de uma força surpreendente, não em despeito de uma grande pobreza de meios musicais, mas em razão dos seus poucos meios musicais<sup>(58)</sup>. E quanto mais objectos da cultura estão à disposição, menos o contexto está presente – quem pode dizer ainda «eu, aqui, em Casablanca, a 9 de Abril de 2009»... A mesma cultura que o mundo oferece retira os meios concretos da obra, que estão fechados, apertados, que são o acervo, o que é seu. O repertório é muito vasto, os materiais à disposição são, ao mesmo tempo, muito mobilizáveis e muito abundantes para fornecer ao artista contemporâneo o ponto de apoio à sua criação, ao homem de cultura o quadro onde ensaiar a sua experiência, o que sente e o seu saber.

Nós estamos tomados pela ficção dos meios, baralhados nas facilidades das ilusões da cultura instrumental, que substitui os prazeres da ferramenta à disposição, da sua manipulação, da sua remontagem-desmontagem, a

<sup>(58)</sup> Ver as entrevistas de George Benjamin e de Eric Denut: *Les règles du jeu*, Musica Falsa, 2004.

todas as alegrias da convicção, da fé e do comum<sup>(59)</sup>. O real já não une senão o interesse. A técnica, não mais do que a abundância, faz a sociedade. É o símbolo que reúne ao remeter uns e outros para qualquer coisa de superior e de comum. O «nós» nasce no obscuro, no oculto, noutra lugar místico da fundação, do assassinato comum, do sangue partilhado. É o que os apóstolos perfeitos de uma política de civilização não querem ver; não saberemos refazer a sociedade antes de ter designado o assassinato fundador. E não refaremos civilização sem crença, sem esta fé para os outros absurda, a nossa única luz no caminho (como exemplo da tagarelice conforme, ver o relatório do conselho de Análise da Sociedade, publicado em Maio de 2009<sup>(60)</sup>, que vigorosamente não escreve uma única vez a palavra «imigração» para tratar da *descivilização* europeia actual!). A obsessão da transparência é o resultado programado da extensão indefinida de redes, de sistemas, de organizações – de todos estes tubos que transportam tudo e nada: palavras, imagens, poder, esperança, vazio – que faz com que a economia do conhecimento caracterize as sociedades que perdem o saber à medida que elas empreendem no comércio. O culto da transparência ameaça por contágio universal o que nos resta de conteúdo, o que é seu e que o distingue. Serve às mil maravilhas esta

<sup>(59)</sup> Ver, por exemplo, o artigo de Joseph Nye e do almirante Owens, conselheiros da administração Clinton, em *Foreign Affairs*, 1996: «A Web é o meio de encorajar uma comunidade de Estados democráticos livres e prósperos.»

<sup>(60)</sup> Luc Ferry, *Face à la crise. Matériaux pour une politique de civilisation*, Odile Jacob, 2009.

mobilização infinita na qual Peter Sloterdijk acredita ver a alavanca mais secreta e mais eficaz da redução de toda a existência humana à economia. Mas ele coloca também a questão da própria possibilidade de uma obra de arte maior no nosso mundo descontextualizado, no nosso mundo saído do mundo e esmagado sob os seus meios. É necessário pensar um mundo sem obras de arte em que a postura do artista serve para maquilhar a mobilização económica.

Tomámos os meios da cultura pela própria cultura, como os que pagam muito caro compram não importa o quê, ou então, por luxo. Nós estamos aí, perante o vazio, e nós iremos sabê-lo brevemente. Saber o quê? Saber se não fomos de uma grande ingenuidade ao pensar, ao afirmar que «o meio é a mensagem» (McLuhan) e que a Internet, o Facebook ou o Meetic determinavam as mensagens que aqui se trocavam, as vidas que aqui se expunham e os conteúdos que emprestavam uma vida inaudita. Saber se uma imagem nunca diz outra coisa senão o seu comentário – e não importa o que seja, mas a obscenidade da sua difusão planetária. Saber se o termo cultura-mundo não é a mesma fraude do que aquela que sustentava o professor Vandermonde na Escola Normal do Ano III da Revolução, ao anunciar a democracia planetária como resultado automático do telégrafo e a profetizar que «dos quatro meios de governar os homens, o império da força, o peso da autoridade, a influência da sedução, o ascendente da confiança, apenas resta o último»<sup>(61)</sup>. Sem dúvida.

<sup>(61)</sup> Cortes de 23 de Março de 1795, citado por Armand Mattelart em *Histoire de l'utopie planétaire*, La Découverte, 1999.

Substituam Internet por telégrafo e terão o discurso dos anos 90; toda a gente sabe o que veio a seguir: a força e a autoridade tiveram encontro marcado com a história, e que história! Sob a pena dos gurus americanos, assim como dos seus epígonos franceses, não é raro encontrar afirmações equivalentes; a Net, como meio da amizade universal... Elas conhecerão o mesmo destino.

Se a função central de toda a cultura era a de fornecer uma chave comum da inteligência da sociedade, do mundo, da vida, a cultura-mundo persegue um objecto bem diferente. Não é necessário compreender o que nós produzimos. A cultura-mundo dispensa-nos da curiosidade, do respeito e da distância que são as condições da inteligência. Ao serviço da economização, ao serviço também da mobilização ilimitada do indivíduo pelo crescimento, a cultura-mundo torna, na realidade, toda a sociedade ininteligível a ela própria e a nós; que é bom compreender que se trata de produzir! Ela não desenvolve a consciência de si, confunde-a através de mensagens peremptórias. Não facilita a compreensão do mundo, esconde à força as ideias recebidas e de bons sentimentos. A Europa é o próprio exemplo: com tanto espírito e meios e tão pouco de inteligência!

Toda a cultura é feita, em primeiro lugar, do que lhe está implícito – do que faz de nós os mesmos, do que faz deles os outros, num primeiro olhar. Toda a cultura prolonga no implícito a sabedoria que se desconfia do sol sem sombra, dos puros que não têm mãos e das promessas de felicidade sem partilha. A cultura-mundo denuncia o implícito. Homicídio fundador, vítima ex-

piatória, cerimónias da fusão e do esquecimento... Caves, catacumbas, masmorras... Foi aqui que Cervantes escreveu *Dom Quixote* e Marco Polo ditou as narrativas das suas «viagens»... Queremos ignorar que o ódio, a inveja, o ressentimento e o desejo estão em marcha e que têm mesmo seguidores – que estão na origem de algumas das realizações maiores da humanidade, que desafiam o tempo e o nosso julgamento. Mas a vida privada, do seu lado sombrio, de lixo e de sangue é apenas um sucedâneo, tem aspectos da vida, sem o essencial, que a coloca ao serviço do que é mais do que ela e que sabe que uma vida não vale nada, que ignora o que nela é mais do que ela.

Só aqueles têm direito de falar de cultura, que estão prestes a morrer ou a matar para que Notre-Dame de Paris não se torne um parque de estacionamento ou uma mesquita.

## 2 – *Canto das liquidações*

A cultura-mundo participa profundamente deste movimento de liquidação do mundo, que resume o domínio do liberalismo económico sobre o mundo, depois de cerca de dois séculos, e que explica, se não a próxima queda, pelos menos inextricáveis dificuldades com as quais se vê confrontada a partir de agora, e que serão, e que são, a crise da cultura-mundo como cultura do seu desaparecimento.

A primeira liquidação à qual se entregou o liberalismo económico foi o da natureza. Somos confrontados

